

---

## O APOCALIPSE DE MARCOS

---

### (Mc 13)\*

---

Célia Morgado\*\*

*Resumo: o presente artigo trata do estudo e análise do capítulo 13 do Evangelho de Marcos. Após breve comentário sobre o gênero apocalíptico, destacando o uso e o sentido que tinha para aqueles que produziram os textos, é feita uma caracterização do Evangelho como um todo, procurando contextualizar o ambiente em que vivia a comunidade marcana, sinalizando a situação de opressão social, política e religiosa. O exame do pequeno apocalipse evidencia sua forma de transmissão camuflada das informações.*

*Palavras-chave: Apocalipse. Marcos 13. Evangelho de Marcos. Pequeno Apocalipse.*

O Evangelho de Marcos foi escrito em um momento trágico, provavelmente no final dos anos 60 e início dos anos 70 e.c. quando o Império Romano, que dominava o mundo naquela época, se encontrava em grande crise. Além das convulsões internas, estava em guerra contra outros povos, embora muitos deles já estivessem dominados. Destruiu o estado de Israel, Jerusalém e o Templo judaico e investia contra os cristãos, perseguindo e matando aqueles que não renegassem sua fé.

Nesse contexto foi que a comunidade marcana encontrou uma forma disfarçada de dizer o que sentia, de levar alento e incentivo para

\* Recebido em: 06.08.2011.

Aprovado em: 16.08.2011.

\* Mestranda em Ciências da Religião na PUC Goiás.

seus integrantes continuarem firmes na pregação da Boa Nova. O apocalipse de Marcos era a promessa de um reino onde não houvesse mais perseguição, fonte de esperança em uma vida melhor.

## GÊNERO APOCALÍPTICO

Apocalipse (*apokalypsis* em grego) quer dizer uma revelação divina especial sobre o fim iminente de um mundo injusto para eliminar a maldade e restaurar a justiça. É a ideia de que num futuro iminente Deus agirá em favor do seu povo, para estabelecer um reinado de harmonia, liberdade, paz e amor.

Os escritos apocalípticos, tanto ao longo da história do Judaísmo como no Cristianismo, foram compostos como uma forma disfarçada do povo protestar contra a perseguição e a opressão dos poderosos; imperadores ou mesmo líderes religiosos contra grupos alternativos. “Na mentalidade apocalíptica a chegada desse Fim é pensada como uma luta final entre o poder de Deus e o do Maligno. Mas não é o fim da humanidade e sim a suplantação da luta pela comunhão definitiva dos homens com Deus e entre si” (KONINGS, 1994, p. 58).

Para Crossan (2004, p. 304), “o apocaliptismo é o contra-ataque dos que se percebem marginalizados religiosa e/ou teologicamente, espiritual e/ou materialmente, política e /ou economicamente, em um nível profundo demais para qualquer solução menos radical”.

A Apocalíptica cristã se configura principalmente “nos textos: na escola paulina (1Ts 4, 15-17; 1Ts 5, 1-3; 2Ts 2,1-12); em Sinóticos (Mc 13; Mt 24; Lc 21) e na carta de Pedro (2Pd 3,1-13)” (FERREIRA, 2012, p. 136). Surgiu ao lado da Apocalíptica judaica, sendo muito parecida com ela, tanto na teologia, quanto na forma literária. Segundo Crossan (1994, p. 274), o “Apocalíptico está sempre à espera de uma intervenção divina tão óbvia que os seus inimigos e opressores seriam obrigados a reconhecê-la e aceitar a conversão, ou então admitir a derrota”.

Geralmente escritos em tempo de perseguição, se valia de um modo indireto de comunicar, através de uma linguagem camuflada, que era entendida apenas pelo grupo perseguido e não por quem estava fora dele, pois se falassem às claras poderiam ser presos. Os símbolos funcionavam como senhas, que se revelavam apenas para quem os conhecia. Em apocalipse, tudo ou quase tudo tem valor simbólico: os números, as coisas, os personagens. Para entendê-los precisamos retraduzir os símbolos em ideias. Sua função era levar uma mensagem de esperança e fé, reforçando

a resistência dos oprimidos para não se desanimarem e perderem o sentido da vida ou se entregarem ao medo.

No primeiro século, o pensamento popular cristão estava recheado com a ideia de martírio e da glória apocalíptica, de forma que os depoimentos dos fiéis reforçavam a fé e aumentavam sua resistência durante a perseguição. Muitos caminhavam felizes para o martírio com a certeza da glória final, como foi o caso de Perpétua e Felicidade.

## EVANGELHO DE MARCOS

O texto de Marcos é considerado o primeiro Evangelho, provavelmente escrito no final dos anos 60 e.c. Sua escritura começa dizendo que é o “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus” evidenciando logo de saída, a característica que perpassa todo o livro. Ao narrar toda a trajetória de Jesus, saindo de Nazaré, na Galiléia, sua pregação, paixão e morte, e encerrando com a notícia da sua ressurreição: (16,7) “mas ide e dizer ao seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galiléia<sup>1</sup>”, passa a mensagem que, se os discípulos quiserem se encontrar com Jesus ressuscitado terão de retornar para onde ele iniciou sua atividade e retomá-la, ou seja, refazer todo o caminho percorrido por Jesus. “Para compreender Mc é preciso ter presente que sua estrutura fundamental é a do caminho” (KONINGS, 1994, p. 7) Na origem, o caminho dizia respeito às andanças o povo hebreu, mas se tornou símbolo do caminho espiritual e ético proposto por Jesus.

Dos três sinóticos (Marcos, Mateus e Lucas) somente ele afirma apresentar o “Evangelho de Jesus Cristo”. Segundo Ferreira (2012, p. 70),

Para Marcos, Jesus não era simplesmente o proclamador de um Evangelho. Ele era o Evangelho. O Evangelho é Cristo pregado pelos apóstolos e seus seguidores... o Evangelho era a proclamação atual, que tornava Jesus presente... quando uma proclamação é realizada, o que é proclamado torna-se uma realidade viva. Na proclamação, o Ressuscitado torna presente a sua vida terrestre e manifesta sua vida sempre atua.

Com a expressão “Filho de Deus”, Marcos nos leva a ver no homem Jesus a presença de Deus, e ao mesmo tempo diferenciá-lo da prática de outros “homens divinos”, como o Imperador César, segundo a propaganda romana na época (BALANCIM, 1991, p. 10-3).

Enquanto nos anos 30 e.c., os primeiros propagadores do movimento de Jesus proclamavam o kerigma da morte e ressurreição, nos anos 70 a comunidade marcana precisava responder aos cristãos a pergunta “quem é Jesus?” (Mc 8,27-29). “O grande objetivo do Evangelho de Marcos foi apresentar a pessoa do homem de Nazaré. Cabe ao leitor responder quem ele é, Marcos o apresentou como o próprio Evangelho, como o anúncio de que o Reino de Deus chegou entre nós” (FERREIRA, 2012, p. 71). Marcos dá os elementos para uma “resposta de fé semelhante à de Pedro” (SLOYAN, 1975, p. 8).

O Evangelho de Marcos foi escrito para ser lido como uma proclamação e não como uma narração. Convida o leitor, ainda hoje, a receber a Boa Nova como o próprio Jesus, que chega através da palavra e convoca aquele que quiser segui-lo a dar continuidade ao que ele começou, a fim de trazer o Reino para todos os lugares da Terra. Para a comunidade marcana, Jesus queria fazer atual o plano de Deus em favor da vida, principalmente dos que viviam à margem do sistema. Ele é o anúncio de que o Reino de Deus chegou entre nós; “o Reino é a vida na comunhão” (ANDERSON; GORGULHO, 1975, p. 14). Um Reino antagônico à proposta dos grupos que controlavam Jerusalém e o Templo e também ao império romano, que mantinha o controle do mundo. O Reino de Deus, a libertação definitiva como algo possível aqui e agora.

Seus discípulos deviam tomar uma postura de seguimento, portanto, precisavam proclamar o Evangelho a todos(as), apesar do perigo, sem se fechar. Essa foi a forma encontrada para levar a esperança de vida em um Reino de amor, um projeto em favor dos pobres e discriminados, contrariamente à vida que levavam sob os sistema escravagista romano e ao praticado pelo centro judeu, baseado na lei do “puro-impuro”, que implicava na exclusão de um grande número de desfavorecidos.

Para Bravo, “o conflito é central na prática de Jesus, sendo o fio condutor e peça fundamental na estrutura do Evangelho de Marcos. Isso pode ser percebido nas controvérsias, na crise da Galiléia e nas instruções ao discípulos (BRAVO, 1987, p. 1). De fato, a comunidade marcana vivia no meio de uma grande crise, com guerras civis no centro do Império Romano, que teve cinco imperadores em um ano e meio, tendo sido quatro deles assassinados e ainda enfrentava muitas questões de fé de seus integrantes. Por isso mesmo, o biblista Leif Vaage define o Evangelho de Marcos como um “Evangelho Traumático”; o que pode ser percebido nos temas que aborda e na forma que expressa sentimentos negativos

como as incompreensões, o medo, o temor, os demônios e as doenças que cegam e paralisam. Vaage destaca que nesse Evangelho aparece pela primeira vez a narrativa da paixão e morte de Jesus retratando um profundo sofrimento, dor e humilhação. Para ele, a narrativa fala do extremo medo e sofrimento pelo qual passava a comunidade de Marcos naquele período, devido à guerra judaico-romana e à destruição do Templo, de forma que sua produção pode ser entendida como uma criação mítica<sup>2</sup> que revela sua profunda experiência traumática (VAAGE, 2010, aula expositiva).

Segundo Ferreira, “Não era possível em situações tão críticas, falar de um Jesus romântico. Marcos o descreve nua e cruamente humano, como o homem da cruz” (FERREIRA, 2012, p. 75).

Marcos narrou 16 milagres, que ao longo do texto vão respondendo quem era Jesus e revelando o seu poder libertador. Segundo Alegre, sua proposta era corrigir a ideologia triunfalista da fé, se revelando como um evangelho beligerante e comprometido, mostrando um Jesus o tempo todo em conflito com as forças religiosas, políticas e econômicas (ALEGRE, 1988, p. 1-9).

As curas de leprosos e aleijados serviam para mostrar um Jesus que defendia os pobres, doentes e marginalizados, sem se importar em seguir as leis judaicas e ser considerado impuro. Jesus denunciava uma sociedade que, ao invés de dar vida e saúde às pessoas, trazia mais sofrimento.

O perdão dos pecados (na cura do paralisado) significava a cura interior que liberta o indivíduo por dentro e o atinge na sua totalidade, tornando-o integralmente livre e cheio de vida. Bastava ter fé<sup>3</sup> no filho do Homem, em contraste com a postura dos doutores da Lei, que pregavam o perdão mas nada faziam para que as pessoas tivessem vida social plena, indicativa da remissão.

Os exorcismos libertava os endemoninhados da alienação, para que pudessem aderir de forma consciente ao projeto de Deus manifestado na prática de Jesus, pois a falsidade da fé dos espíritos maus adoce as pessoas e aprisiona a sua energia.

Na cura da filha de Jairo e na cura da hemorroísa (5,21-43) Jesus restituiu a saúde, a dignidade e a vida para duas mulheres também marginalizadas, vítimas da sociedade patriarcal. “Ele quer que as mulheres se levantem, ressuscitem, fiquem de pé e participem da nova comunidade com toda a dignidade” (MESTERS; LOPES, 2003, p. 93).

Após as várias curas, Marcos fala do segredo messiânico. O Messias não podia ser revelado antes do tempo para não antecipar a sua morte e a comunidade precisava ser poupada, diante do conflito. O segredo

messiânico retratava uma vigilância consciente e altamente politizada (FERREIRA, 2012, p. 73).

Na segunda parte do Evangelho, Jesus enfrenta a incompreensão dos próprios discípulos, que não entendem sua prática, sua nova ética e não sabem quem ele é, então se dedica a instruí-los sobre sua verdadeira missão para que vejam com clareza e tomem uma posição em seu seguimento. A cura do cego de Betsaida (8,22-26) narra a cura da cegueira dos seus discípulos para que possam ver a pessoa de Jesus com clareza, que já não tem mais motivos para esconder sua identidade e missão e anuncia que, como o verdadeiro Messias, se identifica com o Servo Sofredor descrito por Isaías.

“Ser cristão é seguir Jesus no caminho da Cruz” (GORGULHO; HOEFELMAN, 1987, p. 28). O seguimento de Jesus exige uma fé profunda, pressupõe um caminho de luta, vigilância e perseverança. Por isso, instrui e corrige os discípulos, enfatiza o poder da oração, adverte-os contra a ambição do poder, a mentalidade mesquinha e orienta-os para se preservarem contra a corrupção da ambição em todas as suas dimensões. Jesus lhes fala ainda da relatividade das leis, da igualdade entre o homem e a mulher e da partilha no Reino de Deus.

Jesus caminha para Jerusalém, vai enfrentar toda a cúpula que está incomodada com a sua prática; os anciãos, sacerdotes e fariseus(10,32-52). Sabe que será entregue e morto. Os discípulos têm dificuldade em entender que esse é o caminho do Messias e que, como seguidores, poderão enfrentar as mesmas dificuldades. A cura do cego de Jericó mais uma vez fala da cegueira deles e ilustra a atitude do verdadeiro discípulo.

Marcos foca então no ministério do Filho do Homem. Chegando a Jerusalém, Jesus se dirige ao Templo, é lá que ele vai desmascarar a injustiça contra o povo, entra montado em um jumento para mostrar que ele não é um guerreiro e nem um messias triunfalista, corrigindo as expectativas messiânicas. Jesus expulsa os vendilhões do Templo e enfrenta os cambistas que trocavam as moedas romanas por outras “limpas”. Suas ações, “condenam o cerne de uma sociedade estéril que não dá fruto porque, em vez de alimentar uma prática de justiça e liberdade, sustenta uma religião que aliena e explora em nome de Deus e que, ao mesmo tempo, exige uma pureza discriminatória que marginaliza o povo” (BALANCIN, 1991, p. 140).

Jesus ensina no Templo (12,35-13,2) sobre a origem davídica do Messias, sobre o poder intelectual que explora e a verdadeira atitude religiosa. Por último (13,1-37), fala sobre o que vai acontecer com o Templo

e os instrui pela derradeira vez sobre o fim dos tempos, quando será a vinda definitiva do Reino.

O desfecho está próximo, Marcos (14,1-16) anuncia a paixão de Jesus e fala dos preparativos, chegou a hora da escolha. Cabe inclusive a Jesus escolher, que vence a tentação e se entrega “ao poder dos pecadores”, seguindo o projeto do Pai. Os discípulos também fazem suas escolhas, Judas o trai e os outros fogem apavorados, abandonando Jesus.(14,50), Pedro o nega (14,71). Jesus é levado diante do poder político, pois seu destino já estava traçado diante do poder religioso. O povo também escolhe e solta Barrabás, em vez de Jesus (15,6-16).

Jesus é crucificado (15,21-41) e zombado por seus algozes que afirmam não ser ele o Messias, já que não pode se salvar. Sofre ainda o mais grave e último abandono, o do Pai, antes do derradeiro suspiro. E aí começam a aparecer os sinais de que ele era o verdadeiro Filho de Deus; a cortina do santuário se rasga o oficial do exército diz que ele era de fato o Filho de Deus, a presença das mulheres, mesmo de longe, mostra que algo importante vai acontecer.

E Marcos finaliza (15,42-16,20) com o anúncio da Ressurreição, indicando que a história não acabou, que encontrar com Jesus agora significava voltar à Galiléia (como lugar Teológico) e continuar o projeto de Jesus vivo, prosseguir com a sua prática aqui e agora. Dá a impressão que terminou sem fazer um fechamento. Mas isso também tem um sentido. Segundo Balancim, da forma como termina, em aberto, “somos convidados pelo evangelista a continuar o seguimento de Jesus, se quisermos encontrá-lo ressuscitado. Não são as palavras que nos levarão a esse encontro, mas a continuidade do projeto de Jesus é que vai fazer com que o vejamos vivo, ressuscitado” (BALANCIN, 1991, p. 179).

### Mc 13: UM TEXTO APOCALÍPTICO

Não obstante apareça na Bíblia de Jerusalém como um discurso escatológico<sup>4</sup>, Marcos 13 é considerado um texto apocalíptico, o pequeno apocalipse. Escrito em um momento trágico; Israel, Jerusalém, o Templo e todas as instituições acabaram; Pedro e Paulo já tinham sido assassinados, era inícios dos anos 70 e.c. e a comunidade marcana vivia ao redor de Roma, sob as ordens do Imperador Vespasiano. Em Roma, a tensão imperial era terrível: em um ano e meio, desde Nero, que antes já havia perseguido os cristãos, até aquele momento, foram assassinados os imperadores Nero, Galba, Otonio e Vitélio.

Mc 13 era uma apostila da comunidade para animar os perseguidos; retrata a difícil situação em que viviam sob a força do Império assassino e com o final da nação judaica. Não podiam falar às claras, por isso Marcos usa uma linguagem que dá a impressão que tudo iria se desmoronar, que era chegado o fim, o que leva muitos que o lêem a pensar que trata do fim do mundo, mas não é disso que ele fala. O desafio da comunidade era superar o medo com a esperança, o que foi conseguido com a fé no Jesus ressuscitado.

Inspirado no profeta Daniel, coloca todo o discurso na boca de Jesus e leva sua comunidade a refletir sobre o que acontecia ali. Enquanto a destruição do Templo significou para os judeus o final da sua nação, Marcos dizia para os cristãos não ficarem apavorados, que não era o fim, apesar das tribulações e guerra era preciso dar testemunho de Jesus e pregar o Evangelho a todas as nações (FERREIRA, 2012, p. 77-81).

É importante ressaltar que a marca da tradição apocalíptica judaica era justamente reconfortar os fiéis perseguidos. As quatro visões de Daniel 7, 8, 9 e 10-12 se deram na época (entre 167 a 164 a.e.c.) da perseguição do monarca sírio, Antíoco IV Epifânio, e narram o julgamento apocalíptico daquele império. Era preciso ter esperança de que o sofrimento passaria, como acontecera antes com os babilônicos, os medas, os persas e gregos. A tradição apocalíptica cristã, “longe de se originar da boca de Jesus, só teve início depois da sua crucificação, partindo da profecia de Zacarias 12, 10, passando pela combinação de Daniel 7,13” (CROSSAN, 1994, p. 283).

## ANÁLISE DO CAPÍTULO

Na introdução do capítulo está colocada a destruição do Templo. Segundo a datação do documento, naquele período o famoso Templo judaico já havia sido destruído pelo Império Romano, o que leva a entender que haja aí uma alusão ao que tinha acontecido e não se refira a possíveis acontecimentos futuros, como muitos acreditam. De fato, a destruição do Templo significou o fim da nação judaica por um longo período de tempo, pois Israel, após a devassa sofrida, só veio a se constituir novamente como nação no ano de 1948. Mas o texto permite também uma leitura alegórica da ruptura proclamada, conforme comentário na introdução do Novo Testamento da Bíblia de Jerusalém, anunciando a ruína do Templo, Marcos anuncia a ruptura da Aliança entre Deus e seu povo.

A Bíblia de Jerusalém organiza os versículos de uma forma que sua introdução do capítulo termina (Mc 13,1-4) com o anúncio da destruição,



enquanto Anderson e Gorgulho inclui os três versículos seguintes (Mc 13,1-7), em que Jesus adverte seus discípulos para tomarem cuidado, de forma a não serem enganados, tranquilizando-os: “Tais coisas devem acontecer. Mas ainda não é o Fim” (ANDERSON; GORGULHO, 1973, p. 46). De qualquer forma, pode-se dizer que na introdução do cap. 13, Marcos anuncia o fim para o povo judaico, seja com a dispersão advinda com a destruição do Templo, seja no simbolismo da ruptura de Deus para com eles. E ao mesmo tempo, Jesus prenuncia que não é o fim para “as pessoas escolhidas por Deus” (Mc 13,22), ou seja, para o novo povo de Deus, os cristãos. Segundo Mesters e Lopes, o objetivo do discurso de Jesus é para que os discípulos não se deixem enganar a respeito das conversas sobre os finais dos tempos, oferecendo seis sinais para ajudá-los no discernimento (MESTERS; LOPES, 2003, p. 85).

#### O Princípio das Dores (Mc 13,5-13)

Sentado no Monte das Oliveiras, em frente, observando o Templo, Jesus explana sobre o que irá acontecer; as perseguições, guerras, terremotos e fome. Mas tudo aquilo “são como as primeiras dores do parto” (Mc 13,8). Enfatiza que é preciso pregar o Evangelho a todos os povos, orientando que quando forem presos devem se manter tranquilos, que o Espírito Santo falará através deles e que por sua perseverança serão salvos.

O leitor desse texto está vivendo nos anos 70 e podia testemunhar que tudo o que Jesus dissera já havia acontecido, o que dava a ideia de que tudo ocorria conforme previsto portanto, era uma mensagem de esperança. Interessante observar que Jesus está fora do Templo, juntamente àqueles que serão salvos, se forem firmes na fé e na pregação da Boa Nova. Implícita está a ideia de que não foram salvos os que se encontravam “dentro do Templo” logo, foram destruídos com ele. Enquanto um grupo morre, outro nasce, as dores do parto prenunciam o nascimento da nova fé, o grupo dos eleitos, mensageiros do Espírito Santo.

#### A Grande Tribulação de Jerusalém (Mc 13,14-23)

Marcos retratou a situação dos cristãos que recebiam notícias da Palestina, lá estava ocorrendo o cerco a Jerusalém por parte dos romanos. Inspirado em Daniel, fala da “abominação da desolação”, descreve os acontecimentos catastróficos que se seguirão, enfatiza que o Senhor reduziu os dias de calamidade por causa das pessoas escolhidas, advertindo-os

para que fiquem atentos e não acreditem nos falsos cristos e falsos profetas que irão aparecer. “Farão sinais e maravilhas para enganar as pessoas escolhidas por Deus se isso for possível” (Mc 13,22) “A coisa horrorosa deriva de Dan 12,11. Indicava a estátua de Zeus olímpico colocada no Templo por Antíoco Epífanes IV” (SLOYAN, 1975, p. 86), uma profanação ao Templo e dá a dimensão dos acontecimentos na linha do tempo.

A ênfase é para que os discípulos tenham capacidade de discernimento com os muitos messias charlatães que poderão aparecer usando os conflitos sociais e catástrofes naturais para anunciarem o fim do mundo, “enquanto esperamos a vinda definitiva do Reino: confiança na presença do Espírito de Deus, que não nos deixará sozinhos. Ele nos iluminará e dará forças” (BALANCIN, 1991, p. 155).

Gorgulho e Anderson ressaltam a importância de viver na fé. “O Evangelho mostra que essa paz contínua e firme não vem deste mundo... no meio da confusão, a salvação e a paz só podem vir de uma atitude de fé” (ANDERSON; GORGULHO, 1975, p. 188).

#### Manifestação Gloriosa do Filho do Homem (Mc 13, 24-27)

Após a série de tribulações na terra, prega que haverá manifestações no céu, com escuridão e abalo dos poderes do espaço, imagens comuns na época e que falam das questões sociais/políticas e econômicas que enfrentavam ou seja, dos abalos das guerras que destruíram Israel e das crises dentro do Império Romano. Após o período de escuridão, em que não viam o que estava acontecendo com clareza, virá o Filho do Homem<sup>5</sup>, com muita glória e anjos para reunir e congregar as pessoas escolhidas de Deus.

Essa mensagem cheia de expectativa de vitória e de salvação traz implícita a ideia de que, enquanto os Judeus foram dispersos, os que escolherem seguir e permanecer fiéis ao projeto de Jesus terão novas esperanças de reunião e fraternidade, tanto no enfrentamento dos conflitos históricos como pessoais. “Esta reunião realizava a aliança nova que dava novo sentido à história” (FERREIRA, 2012, p. 81).

#### Parábola da Figueira (Mc 13, 28-32)

Tece uma analogia com as estações do ano para ressaltar que eterna é a palavra do Senhor, anunciada pelo Evangelho. Quando a figueira fica verde e brota é primavera, que precede o verão, um paralelo ao momento

novo que está próximo a chegar para os eleitos, quando o inverno da tribulação passará, assim como o céu e a terra passarão.

### Vigiar para Não Ser Surpreendido (Mc 13, 33-37)

Marcos finaliza o capítulo ressaltando a importância de se manterem vigilantes, pois, como ninguém sabe a hora em que o Senhor voltará, que não os encontre dormindo. Para Gorgulho e Anderson, “A vigilância nasce da fé na ressurreição. A esperança da vinda de Cristo dá à rotina forma nova e sentido novo... a fé transforma o sentido da vida diária... isso é salvação” (ANDERSON; GORGULHO, 1975, p. 189).

Está claro o ensinamento para que mantenham a contínua perseverança no objetivos escolhidos, focando no momento presente, pois “ninguém sabe a hora”. Mas também era preciso vigiar para não serem reconhecidos quando estiverem anunciando a boa nova, pois o que aconteceu com Jesus podia acontecer com qualquer um deles, a qualquer momento.

### CONCLUSÃO

A influência apocalíptica do Judaísmo antigo foi decisiva para a formação da apocalíptica cristã. Através dos símbolos e outros recursos de linguagem comunicavam o que queriam compartilhar em situações trágicas e momentos de grande perigo e sofrimento, o que demandava o uso de subterfúgios para não serem identificados ou reconhecidos prontamente por seus algozes, pois só eles conheciam o significado das alegorias que usavam.

Assim, muito do que ficou conhecido como visões proféticas do fim do mundo não passa de histórias criadas e contadas para transmitir seus sentimentos, encorajar a comunidade a enfrentar os tempos de adversidade e reforçar neles a esperança de que superariam aqueles momentos calamitosos. Mc 13 foi escrito exatamente nesse contexto. Sua principal função foi trazer incentivo e esperança para os cristãos permanecerem firmes na fé e serem capazes de enfrentar a situação de adversidade pela qual passavam.

Não só o pequeno apocalipse de Marcos, mas toda a apocalíptica cristã ajudou os integrantes do cristianismo antigo a resistir diante das mais diversas perseguições, buscando refúgio em uma libertação próxima ou acreditando na recompensa que teriam na vida eterna, quando viveriam em um reino de amor.

## THE APOCALIPSE OF MARCOS (MC 13)

*Abstract: this paper is a study and analysis of chapter 13 of Mark's Gospel. After a brief commentary about the apocalyptic genre highlighting the use and meaning for those who had produced the texts, is made a characterization of the Gospel as a whole seeking to contextualize the environment in which the markan community lived, indicating the situation of social, political and religious oppression over them. The examination of the little apocalypse shows their hidden information mode of transmission.*

**Keywords:** *Revelation. Mark 13. Gospel of Mark. Little Apocalypse*

### Notas

- 1 Galiléia se referia ao lugar do povo pobre, marginalizado e excluído, lugar de encontro, de acolhimento, de partilha, onde Jesus se manifestava ressuscitando. Mais que um lugar geográfico, era um espaço teológico onde Jesus viveu e começou sua missão... lugar de retomar sua missão (FERREIRA, 2012, p. 77).
- 2 Segundo Vaage, enquanto seres míticos que somos, sempre que expressamos uma experiência vivida estamos criando mito, pois o humano não é capaz de proclamar a realidade ipisis literis. Assim, considera a narrativa da Paixão e Morte de Jesus uma criação mítica de Marcos.
- 3 O sentido fundamental da “fé” na Bíblia, é a constância e a firmeza que alguém tem em quem o merece, em primeiro lugar, em Deus. Em Mc. Significa confiança em Deus, particularmente no seu enviado, Jesus (KONINGS, 1994, p. 24).
- 4 Embora a Bíblia de Jerusalém chame Mc de discurso escatológico, em nota de rodapé diferencia Mc13 do discurso de Mt, que acrescenta o fim do mundo à ruína de Jerusalém e do Templo, enquanto Marcos conserva a orientação primitiva que se refere somente à destruição do Templo, dizendo ainda que Mc anuncia outra coisa senão a crise messiânica iminente e a esperada libertação do povo eleito, que se produziu pela ruína de Jerusalém, a ressurreição de Cristo e a sua realização na Igreja.
- 5 Embora a Bíblia de Jerusalém chame Mc de discurso escatológico, em nota de rodapé diferencia Mc13 do discurso de Mt, que acrescenta o fim do mundo à ruína de Jerusalém e do Templo, enquanto Marcos conserva a orientação primitiva que se refere somente à destruição do Templo, dizendo ainda que Mc anuncia outra coisa senão a crise messiânica iminente e a esperada libertação do povo eleito, que se produziu pela ruína de Jerusalém, a ressurreição de Cristo e a sua realização na Igreja.

- 5 Filho do Homem é um título que Jesus atribui a si mesmo e que leva a sério sua encarnação, sua prática, sua vida e seus conflitos (BALANCIN, 1991, p. 155) Konings destaca que a expressão era praticamente sinônima de Messias, mas Jesus dizia ser Filho do Homem para diferenciar do esperado messias, um novo rei Davi (KONINGS, 1994, p. 8).

## Referências

- ALEGRE, Xavier. *Marcos: A correção de uma Ideologia Triunfalista*. Artigo publicado na Revista Latino americana de Teologia, tradução e publicação Centro de Estudos Bíblicos, número 8. Belo Horizonte: CEBI, 1988
- ANDERSON A. F; GORGULHO, G. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1973.
- ANDERSON A. F; GORGULHO, G. *O Evangelho e a Vida de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1975.
- GORGULHO, Gilberto; HOEFELMAN, Verner. *Estudo do Evangelho de Marcos*. Belo Horizonte: CEBI, 1987.
- BALANCIN, E. M. *O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Edição em língua portuguesa. São Paulo: Paulus, 2008.
- BRAVO, Carlos G. *Conflito e Seguimento*. Série Subsídio da Documentação. Revista CEBI, 1987 número 56.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico: A vida de um camponês Judeus do Mediterrâneo*. (Tradução de José Cardoso) Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- CROSSAN, John Dominic. *O Nascimento do Cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004
- FERREIRA, Joel Antônio. *Jesus na Origem do Cristianismo: Os vários grupos que iniciaram o Cristianismo*. Goiânia, GO: Editora da PUC/GO, 2012
- KONINGS, J. *Marcos. A Bíblia Passo a Passo*. São Paulo: Loyola, 1994.
- MESTERS Carlos; LOPES Mercedes. *Caminhando com Jesus*. Círculos Bíblicos do Evangelho de Marcos nº 182/183. 1ª parte. CEBI: São Leopoldo, 2003.
- MESTERS Carlos; LOPES Mercedes. *Caminhando com Jesus*. Círculos Bíblicos do Evangelho de Marcos nº 184/185. 2ª parte. CEBI: São Leopoldo, 2003.
- SLOYAN, Gerard S. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1975
- VAAGE, Leif. *O Mito no Evangelho de Marcos*. Palestras proferidas no encontro promovido pelo CEBI em 11/09/2010.